

A FILOSOFIA COMO PROBLEMA E ESTILO DE FILOSOFAR

Mário Guerreiro

UFRJ — Dep. de Filosofia

INTRODUÇÃO

Talvez, no ensino de disciplinas tais como a Geometria, possa o mestre partir de verdades indemonstráveis e, por meio de deduções sucessivas, ir extraindo postulados, princípios e corolários, apelando tão-somente para uma racionalidade intrínseca e transparente aos olhos de todo aquele que não esteja na fronteira da oligofrenia e, ao mesmo tempo, esteja suficientemente motivado a apreciar a beleza de uma sólida construção inteligível.

Nunca nos esqueçamos do diálogo platônico **Menon**, onde o arguto Sócrates — tendo por intenção última uma exposição do seu conceito de maiêutica — teria se voltado para um escravo, ignorante de quaisquer noções de Geometria, e mediante a apresentação de alguns axiomas, teria caminhado juntamente com ele, no sentido de compreender o teorema de Pitágoras sobre o quadrado da hipotenusa. Talvez, o único pressuposto socrático estivesse se apoiando no fato de que ignorância nada teria a ver com inteligência. Talvez, fosse mesmo possível repetir a experiência, desde que o mestre contasse com a participação de um espírito devidamente motivado e capacitado pela posse de uma inteligência média.¹

Neste mesmo sentido, não seria fora de propósito lembrar aqui aquela imagem um tanto caricata que G. Bachelard nos oferece de um Descartes tão embevecido com sua concepção de idéias inatas — e tão orgulhoso de uma “poderosa” ciência geometrizarante — que se propunha a fazer uma espécie de maiêutica socrática com a rapariga que arrumava seu quarto e com o cocheiro da sua carruagem. Fora os propósitos específicos da citação de Bachelard, o fato é que esta tradição geometrizarante que vai de Platão a Descartes, e passa através de um Spinoza para chegar aos nossos dias, parece estar apoiada em uma visão pedagógica do ensino da Filosofia, mediante a aplicação sistemática de um método hipotético-dedutivo, tendente a uma aliança explícita com a Lógica, a Álgebra e a Geometria ou mais inclinado a uma espécie de Metafísica, que estaria procedendo à sua semelhança meramente formal, na medida em que apelaria para uma exposição de primeiros princípios e iria operando por meio de deduções paulatinas, contando com certo primado do razoável, do plausível, enfim, de algo que pudesse ser admitido por um espírito dócil à plausibilidade dos argumentos.²

Quem sabe não teríamos agora certa tradição aristotélica, voltada para uma exploração sistemática de hipóteses e de encaminhamentos

de reflexões, fazendo um nítido apelo nem tanto a uma racionalidade do tipo geometrizante, mas, mais notadamente, a uma aceitação de primeiros princípios, mediante os quais poder-se-ia explorar o campo do possível, mantendo um compromisso com o senso comum, naquilo que este teria de melhor — uma propensão a aceitar uma argumentação bem elaborada, desde que esta não lhe causasse espécie pela incongruência ou pela extravagância ? !

Se, por um lado, ambas as tradições estariam embasadas em procedimentos hipotético-dedutivos, por outro, seria de se notar uma significativa diferença quanto à lógica da argumentação, conforme esta estivesse mais comprometida com a especial racionalidade do geômetra ou com uma plausibilidade de uma reflexão mais liberta da rigidez dos conceitos e da axiomática, porquanto mais dependente de uma racionalidade de caráter abrangente, talvez, por isso mesmo, bem mais confiante em um caráter universal da pura reflexão filosófica, outorgando a si própria o direito e o dever de recusar a imortalidade, mas clamar por uma exploração do campo do possível, se é que poderíamos parafrasear aqui os versos de Píndaro:

“Ó deuses, não vos peço a imortalidade, mas a permissão para investigar o campo do possível !”³

Poderíamos continuar apresentando as linhas gerais de outras tradições filosóficas, onde a Geometria encontrar-se-ia alijada de quaisquer considerações ou até mesmo repudiada como nocivo paradigma para uma reflexão, que estaria se voltando para procedimentos indutivos extraídos de teorias probabilísticas ou mesmo desta outra fonte de experiência, brotando do domínio vivencial aberto a todos os espíritos imersos na existência. Queremos crer, no entanto, que o esboço das duas tradições grosseiramente rascunhadas já seria o suficiente para uma evidenciação do caráter inseparável da pedagogia e da argumentação, no tocante ao ensino e à aprendizagem da Filosofia.

Se isto, por si só, goza de uma gritante obviedade, precisemos um pouco mais o ponto em que nos estamos esforçando para demarcar, através de uma lenta e cuidadosa aproximação. Se fosse o caso de ensinar Descartes ou Spinoza, parece que um dos mais aconselháveis expedientes estaria consistindo em aceitar suas colocações primeiras e prosseguir por meio das suas deduções sistemáticas, recapitulando, assim, a paulatina edificação das respectivas construções teóricas. Pelo menos, estamos mais certos de que adeptos do cartesianismo ou do espinozismo ver-se-iam mais propensos a adotar tal estratégia, onde a pedagogia estaria plenamente identificada com a própria argumentação, na medida em que nos depara-

ríamos com um Descartes visto pelas lentes do próprio método cartesiano ou com um Spinoza enfocado sob o prisma do método espinoziano.

Mas seria isto, realmente, possível? Ou será que só estaria se efetuando, em toda sua plenitude, caso ressuscitassem os respectivos filósofos e se dispusessem a nos repetir — para nosso agrado e erudito interesse — suas filosofias tais quais estariam habitando nas letras impressas dos seus muitos escritos? E, se dizemos isto, é porque somos levados a supor que, mesmo o mais rígido e fervoroso discípulo de Descartes, ver-se-ia incapacitado de expô-lo sem estar alojado na dimensão de um distanciamento histórico, metodológico e conceitual. Semelhantemente, o mais ardoroso admirador de Spinoza não poderia isentar-se de influência de um espinozismo histórico, que, a igual exemplo do cartesianismo ou de qualquer outra posição filosófica, já teria começado na própria contemporaneidade da sua comunicação a um público, juntamente com as possíveis objeções levantadas por seus adversários.

Confessamos, neste momento, nossa dificuldade de prosseguir, pois somente estas três páginas escritas, meramente à guisa de introdução, já são por demais suficientes para a abertura de um grande leque de problemas extremamente delicados e sutis, impossíveis de ser abordados pela leviandade e superficialidade desta nossa época de espíritos apressados, não muito inclinados a refletir, seriamente, sobre os impasses levantados pelo ensino da Filosofia, principalmente quando estamos querendo acreditar não esteja este sumariamente reduzido ao ensino desta ou daquela “filosofia”, o que transformaria o problema em uma espécie de “metodologia de escola” a ser discutida entre seus participantes. No entanto, uma das questões mais prementes que teriam de ser examinadas consiste, justamente, em indagar: Existe isto que chamamos, ligeiramente, de “Filosofia”? Ou será que existem tão-somente “filosofias”? Ora, se optamos pela primeira ou pela segunda alternativa, nos iremos deparar com inevitáveis conseqüências, incidindo diretamente sobre a pedagogia, sobre a argumentação e sobre a historicidade desta disciplina *sui generis*, porquanto impossível de ser tratada a partir do mesmo tratamento conferido a esta ou àquela ciência.

1 — A IDÉIA DE UMA FILOSOFIA PERENE

Concebida da forma mais genérica possível, esta idéia de uma Filosofia (com F maiúsculo), capaz de se sobrepor às diversas concepções de filosofia (as filosofias), pede-nos para que venhamos a aceitar a existência de certa “atitude” diante das coisas e dos problemas, que pela sua peculiaridade marcante mereceria a atribuição de “filosófica”. Ao mesmo tempo, comparando-a com uma série de outras posturas possíveis, só estaríamos concorrendo para enfatizar sua especificidade e sua unicidade.

Independentemente das inúmeras tomadas de posição, possibilitadas a partir da adoção prévia desta **atitude filosófica**, estaria subsistindo ao longo da história, transcendendo as épocas e as polémicas, um conjunto de temas e de problemas que estariam merecendo, por sua vez, a atribuição de “filosóficos”, nisto que estariam não só mantendo uma forte persistência como se diferenciando plenamente de outros tantos temas e problemas, adstritos a outros campos do saber.

Neste sentido, não seria muito difícil localizá-los, caso déssemos uma rápida olhada na História da Filosofia e viéssemos a surpreender uma série de questões tão inquietantes para um Platão ou para um Aristóteles, como ainda continuam sendo para os filósofos do nosso tempo. Pensemos, por exemplo, na complexa questão dos universais ou no problema dos valores éticos. Pensemos no difícil conceito de belo, já encarado assim na brilhante forma como Platão concluiria seu **Hípias Maior**, alertando-nos contra as definições afoitas, capciosas e inconsistentes do jovem sofista, situado como interlocutor de Sócrates.⁴

Refletindo sobre esta persistência temática, se nos ocorre uma comparação com o espaço tridimensional da nossa percepção. Se tomamos um destes problemas reincidentes e consideramos os diversos enfoques como um conjunto de perspectivas convergentes para um determinado ponto, perceberemos que o problema assume uma posição bem semelhante a de um ponto de fuga, de tal modo que, trilhando o caminho da História da Filosofia — teremos uma sensação bastante ambígua de incentivo e decepção, pois nos depararíamos com uma solução constantemente postergada a um horizonte do possível, sempre transcendente a este ou àquele momento de inserção no presente de uma investigação.

A ambigüidade a que nos referimos parece ser mesmo a própria condição de uma visão aberta da Filosofia, instada a prosseguir, refletindo seriamente, perfeitamente consciente de que não há solução possível a ser alcançada por nossa limitada capacidade de pensar, restando tão-somente um **pathos** ou uma espécie de premência espiritual impulsionando-nos adiante, indicando-nos que os valiosos frutos da Filosofia não devem ser vislumbrados como merecida recompensa ao final de um árduo percurso, mas sim como uma série de importantes ensinamentos colhidos ao longo da jornada, seja por uma experiência do fracasso, seja pelos inestimáveis ganhos do exercício do pensar, seja mesmo pelos pequenos lampejos lançados na obscuridade que nos cerca.

Certamente, os espíritos simplórios encontrariam neste aspecto decepcionante da persistência milenar de problemas não-resolvidos um bom motivo para exteriorizar certo desprezo pela atividade filosófica, considerando-a como tolice, especulação vazia ou como uma exótica espécie de **hobby**, mas se assim o fazem é tão-somente porque estão intoxicados

por uma visão utilitarista das coisas ou por uma perspectiva teleológica, extraída das ciências positivas e canhestramente projetada no plano filosófico, exigindo da Filosofia algo que não estaria ela apta a oferecer, pois se é próprio das ciências caminhar em linha reta, acumulando conquistas graduais e definitivas, pensamos que a Filosofia irmana-se muito mais com a Arte, nisto que ambas estariam caminhando nos limites de uma circunferência que, uma vez traçada, não saberíamos dizer onde está o princípio e onde está o fim, pois manifesta-se uma perfeita coincidência entre o ponto de partida e o ponto de chegada. E é a partir daí que podemos entender como um filósofo contemporâneo do gabarito intelectual de um Alfred North Whitehead estaria retomando a grande lição de Platão ao afirmar categoricamente:

“Philosophy begins and ends in platitude”.⁵

Mas que o entendamos bem ! Se a Filosofia começa e termina na dimensão horizontal das mais corriqueiras trivialidades, é tão-somente porque a ignorância, a dúvida e a perplexidade vão estar tanto nas primeiras tentativas de um vôo na direção das grandes alturas — impelido por um poderoso **pathos** ascensional — como também na visão decepcionante e incentivadora de um retorno ao ponto de partida — decepcionante, se quisermos acentuar o fracasso da investida e o sentimento de impotência em face das nossas grandes limitações humanas, mas, ao mesmo tempo, incentivadora, porque não estaríamos voltando da nossa fascinante jornada de mãos vazias: teríamos o prazer marcadamente estético, decorrente do incomparável gozo de voar, de contemplar como um grande pássaro as paisagens de um deslumbrante itinerário, ao mesmo tempo em que viríamos fortalecidos pelas lições da jornada, pelos parques — mas inestimáveis — ganhos desta nossa maravilhosa aventura.

Nas suas feições gerais, já teríamos, assim, uma fisionomia disto que se poderia entender como uma concepção de **Filosofia Perene**, alimentada pela permanência de temas e de problemas e caracterizada por um conceito de que Filosofia é eterno caminhar, Filosofia é árduo exercício de reflexão, onde os possíveis ganhos não estariam revertendo para esta ou aquela corrente, posição ou impostação filosófica, que despontariam como meras perspectivas lançadas de diferentes pontos, localizados em diferentes épocas, convergindo para um mesmo ponto, onde encontraríamos um problema persistente e transitórias soluções.

A partir daí, como veríamos a História da Filosofia ? Por um lado, ele nos evidenciaria uma série de constantes: as questões jamais resolvidas ou resolúveis; por outro, nos estaria pondo diante de outra série, agora composta de variáveis — as diversas posições assumidas ao longo da História, concebidas como tentativas, mais ou menos bem encaminhadas, porém nunca consumadas como solução ou mesmo como resposta, capaz de

permitir algo que se assemelhasse a um “progresso”. Na História da Filosofia, teríamos algo bastante diferente da História da Técnica ou da Ciência e, ao mesmo tempo, muito próximo daquilo que nos descortinaria a História da Arte, uma sucessão de concepções de mundo, de estilos de época, de estilos de escolas etc., onde não poderíamos dizer que o modernismo seria mais rico do que o barroco, que Picasso teria representado um “progresso” em relação a Rembrandt ou, se quisermos, não poderíamos afirmar que, na dimensão Filosófica, os filósofos contemporâneos seriam mais sábios, mais instruídos ou mais conscientes do que aqueles notáveis pensadores pressocráticos !

E é neste sentido que a concepção de uma Filosofia Perene só encontraria irmandade verdadeira com a concepção de Arte Perene.

Sem a menor dúvida, esta forma de considerar tanto a Filosofia como a História da Filosofia poderia ser cravejada de terríveis objeções — e estamos perfeitamente cõnsrios de muitas delas — mas não deixemos de aquilatar seu grande valor pedagógico, nisto que ela estaria colocando em primeiríssimo plano uma atitude crítica de incessante questionamento, voltando-se para os grandes problemas e para a precariedade de todas as soluções encaminhadas; estimulando, assim, um modo de considerar as coisas aberto, confiante na missão crítica da verdadeira indagação filosófica e, quem sabe, devidamente vacinado contra os modismos, contra as soluções apressadas, contra os insustentáveis sectarismos, tudo isto por ser a favor não desta ou daquela “filosofia”, mas sim da eterna indagação da Filosofia. Talvez, aí esteja o seu inevitável “dogmatismo” — ser dogmaticamente contra todos os dogmatismos. E isto não é mero jogo de palavras — coisa que abominaríamos ! — mas uma consciência de que não poderíamos furtar-nos de assumir e defender, com todas as forças, uma posição que acreditamos ser, pelo menos, a mais plausível como argumentação e pedagogia.

2 — HISTÓRIA DA FILOSOFIA & HISTÓRIA DA ARTE

Como já havíamos observado anteriormente, há uma ponte nos remetendo de uma História a outra, nisto que não saberíamos como localizar em ambas aquelas idéias de “progresso”, “evolução” ou “irreversibilidade”, que poderiam ser detectadas na História da Técnica ou da Ciência. Tomemos um exemplo: consideremos como a física de Galileu já não poderia mais dialogar com a atividade da física contemporânea, pois já não teriam uma linguagem comum e estariam separadas por métodos, problemas e endereços inteiramente diferentes. Claro está que a física de Galileu continuaria tendo sua importância dentro da História da Ciência, mas importância que não estaria ultrapassando os limites da historicidade, de modo que nem sequer chamasse a atenção de um pesquisador voltado

para qualquer espécie de atividade dentro deste setor do conhecimento, e isto pela simples razão de que não teria a menor contribuição efetiva a lhe ofertar.

Neste sentido, não seria exagerado dizer que Galileu já está "ultrapassado" há alguns séculos. Sua "física" pode até suscitar um grande interesse para o filósofo da ciência e para o historiador da ciência, justamente por suas imbricações com o neoplatonismo, com o aristotelismo e com o pitagorismo dentro do renascimento italiano, porém a marcha da ciência é irreversível, quer queiramos acentuar sua continuidade histórica (segundo A. Koyré), quer queiramos enfatizar sua descontinuidade (segundo G. Bachelard). E esta irreversibilidade é que causaria motivo de galhofa geral um físico contemporâneo que apresentasse a uma sociedade científica uma teoria que estivesse recorrendo a Galileu para explicar este ou aquele problema da física do nosso tempo. Pensamos que seria algo semelhante a querer consertar um avião supersônico a partir de uma tecnologia elaborada para seu remoto ancestral: o 14 BIS.⁶

No entanto, os filósofos contemporâneos podem dialogar, perfeitamente, com seus veneráveis ancestrais do período pressocrático, apesar das marcantes diferenças de linguagem, expressão e visão de mundo. No entanto, os grandes filósofos tais como Platão, Aristóteles, Kant, Hegel etc. continuam vivos e profundamente atuantes no cenário do nosso tempo. Do mesmo modo, nos deparamos com uma série de retomadas da arte primitiva dentro das correntes modernas e pós-modernas, sabemos que os estilos do passado não cessam de alimentar as criações do presente e as criações do presente não cessam de enriquecer nossa compreensão dos estilos do passado, chamando nossa especial atenção para fenômenos antes insuspeitados. Ora, mas não seria esta mesma dialética de influência mútua do passado e do presente, que encontraríamos na História da Filosofia ? Se, por um lado, filósofos como Gilbert Ryle nos apresentam uma denúncia do cartesianismo e um enaltecimento do aristotelismo,⁷ pensadores como N. Chomsky enaltecem os méritos do cartesianismo, chamando nossa especial atenção para a preciosa elaboração da "gramática" de Port-Royal, criticando as limitações da lógica aristotélica, juntamente com sua imbricação com uma concepção tradicional de gramática.⁸

Além das influências mútuas do passado sobre o presente e do presente sobre o passado, teríamos que nos deparar com a questão crucial dos ângulos de interpretação, estes mesmos que nos podem mostrar um Platão alienado e absorto no mundo das idéias (uma caricatura feita por irresponsáveis !) ou um retrato tecnicamente mais elaborado de um Platão voltado para a reflexão e para a ação, atuando politicamente e refletindo sobre seus modelos, colocando-se na filiação direta de uma visão pitagórica, onde geometria, filosofia, política e misticismo seriam ingredientes de um todo.⁹

O mesmo na História da Arte. Certa interpretação poderia mostrar-nos um Kandinsky misturando cores livremente, de modo que produzisse uma configuração abstracionista, enquanto fruto de uma espécie de “automatismo psíquico”, aliada a um impulso de mera exteriorização personalística. Mas isto é outra caricatura, porquanto seria um esboço aproximado de certas manifestações do dadaísmo ou da **action-painting**, através das quais Kandinsky estaria sendo bem distorcido. Bastaria ler seus tratados¹⁰ ou acompanhar o minucioso estudo da sua linguagem gráfica — os elementos de um vocabulário preciso, tal como nos evidencia M. C. Lacoste¹¹.

Para resumir e acrescentar: ambas as Histórias estariam diferindo da História da Ciência por três razões básicas: (a) Não nos apresentariam conquistas irreversíveis, resultantes de uma “evolução” ou um “progresso” (por mais questionáveis que sejam estes dois termos). (b) Ambas nos estariam colocando diante de um imenso painel, onde o passado estaria sendo influenciado pelo presente, na mesma medida em que o presente estaria sendo pelo passado. (c) Ambas nos estariam colocando diante de um problema crucial de interpretação, talvez, a maior prova do caráter de **textura aberta** tanto dos conceitos filosóficos como das produções artísticas¹² — isto mesmo que poderia estar elucidando a razão pela qual as grandes obras da Arte e da Filosofia têm sido, constantemente, motivos de infundáveis releituras, bem como fontes inesgotáveis de insinuações para todos aqueles que, devidamente aparelhados, estariam aproximando-se delas desejosos de penetrar no seu mais íntimo sentido.

CONCLUSÃO

Não existem “filosofias”, mas sim estilos de filosofar à semelhança de estilos artísticos. Não é possível ensinar “arte”, mas sim técnicas de composição literária, musical ou pictórica. Do mesmo modo, nunca é demais repetir Kant, dizendo: “Não ensino filosofia, ensino a filosofar”. Como poder-se-ia ensinar algo que depende de criatividade, de senso crítico, de interpretação? Eis algumas das razões pelas quais Arte e Filosofia são atividades tão afins, ao mesmo tempo em que ambas se distanciam da atividade científica, talvez, entendida como rotina de laboratório, pois há uma inventividade científica que também não pode ser ensinada.

Mas como entenderíamos, na dimensão de uma proposta pedagógica, esta diretriz de um ensino do “filosofar”? De saída, seria necessário acrescentar aqui alguns esclarecimentos: (a) Certamente, não seria o caso de uma vaga consideração sobre tudo e todas as coisas, acompanhada de finas bebidas e suave música de fundo — coisa que poderia ser interessante como atividade de lazer. Trata-se aqui de um exercício de reflexão, tendo por finalidade desenvolver uma faculdade peculiar. (b) Se afirmamos que não se pode ensinar filosofia, não temos em mente um impedimento

situado na ordem de um dever-ser, mas sim uma espécie de impossibilidade ontológica. Detenhamo-nos um pouco neste ponto.

Expor o pensamento deste ou daquele filósofo é, necessariamente, interpretá-lo. Um texto de filosofia é algo bem semelhante a uma partitura musical, que não deveria ser considerada como “música”, mas sim uma série de indicações, sinais mortos, lacunas tendo que ser preenchidas, enfim, toda uma ordem de possibilidades para que a verdadeira música — a que ouvimos em um concerto — venha a se manifestar. Ora, para que isto ocorra é estritamente necessária a atividade do intérprete. Não pensemos que ele seja uma espécie de “tradutor mecânico”, transpondo uma linguagem escrita para uma linguagem sonora, pois mesmo que ambicionasse ardorosamente esta idéia distorcida de “fidelidade ao texto”, jamais chegaria a concretizá-la, pois é justamente a interpretação que insufla vida a um texto musical ou filosófico.

Certamente, existem as boas e as más interpretações, mas o fato é que todas são interpretações e teríamos que recorrer a um critério para julgá-las, coisa que é tão necessária quanto extremamente delicada. Por outro lado, percebamos que não podemos também “ensinar a interpretar”, seja música ou filosofia. Podemos ensinar técnicas, mas não podemos ensinar aquilo que depende de criatividade, sensibilidade, senso crítico etc. As técnicas aliadas a estes fatores configura isto que chamaríamos de estilos de interpretação, por meio dos quais um Arthur Rubinstein dialoga com Chopin e nos apresenta seu modo tão característico de compreender aquilo que este compositor estaria querendo dizer-nos em termos musicais ou, então, um Paul Friedländer dialoga com Platão e nos oferece seu modo tão peculiar de compreender aquilo que Platão estaria querendo dizer-nos em termos filosóficos.

Diante disto, este “ensinar a filosofar” estaria voltado para dois pontos básicos: problemas e estilos. Se, por um lado, a idéia de uma **Filosofia Perene** nos remeteria aos grandes problemas filosóficos, o exercício do filosofar nos colocaria diante de uma série de tentativas de solução, onde as diferenças nos encaminhamentos nada mais seriam que diferenças estilísticas, desde que não se entenda por este termo algo semelhante a um “mero adorno de linguagem”, pois isto nada teria a ver com o conceito de “estilo” que temos em mente, tanto no que se refere à Filosofia como no que concerne à Arte.

Lamentamos ter que deixar um aprofundamento do conceito de “estilo”, bem como uma série de outras questões para outro lugar. Chegando ao final deste árduo trabalho — onde nos esforçamos para expressar, com a maior clareza possível, uma série de notas e de observações, produtos de muito tempo de ruminação interior — somos obrigados a confessar nossa grande insatisfação, pois estamos certos de que nós mesmos faría-

mos sérias críticas a muitos pontos que consideramos imprecisos, mal desenvolvidos e obscuros. Mas voltaremos a reconsiderar o assunto, entendendo que se trata de um exercício de reflexão, onde somos obrigados a aceitar tanto os grandes desacertos como os possíveis acertos: nossos parcos ganhos !

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, G., **La Formation de L'Esprit Scientifique**. Vrin, Paris, 1938.
- CHOMSKY, N., **Cartesian Linguistics**. Harper & Row, Nova Iorque, 1966.
- DUCHEMIN, J., **Pindare Poète et Prophète**. Belles Lettres, Paris, 1965.
- DUFRENNE, M., **Estética e Filosofia**. Perspectiva, São Paulo, 1972 (trad.)
Esthétique et Philosophie, Klincksieck, Paris, 1966.
- KANDINSKY, W., **Punkt und Linie zu Fläche**. Albert Langen, Munique, 1926, 3ª ed. Benteli-Verlag, Berna, 1955.
- LACOSTE, M. C., **Kandinsky**, Crown Publishers, Nova Iorque, 1979.
- ROBIN, L., **Platon**. Oeuvres Complètes, Gallimard, Paris, 1950.
- RYLE, G., **The Concept of Mind**. Penguin Books, Harmonds-worth, 1956.
- WEITZ, M., **The role of theory in aesthetics**, em Margolis, J. (organizador) *Philosophy Looks at The Arts*. Contemporary Readings in Aesthetics, Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1962.

NOTAS & REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) Vide L. Robin, **Platon: Oeuvres Complètes**, tome I, pp. 513 — 55, nota explicativa, p. 1.321. **Menon**, (Estienne), 82d a 85b. Se afirmamos que a ignorância nada teria a ver com a inteligência, é porque a Geometria não estaria exigindo informações prévias, mas sim capacidade de exercer um raciocínio dedutivo, e isto explicaria a razão pela qual Descartes pensava que qualquer ser humano, dotado de inteligência mediana, estava apto para entendê-la. Há razões mais profundas que não poderíamos enunciar aqui.

(2) Vide G. Bachelard, **La Formation de L'Esprit Scientifique**, p. 3.

(3) J. Duchemin, **Pindare Poète et Prophète**, p. 93. M. Dufrenne, **Estética e Filosofia**, p. 204 — 11, especialmente, p. 211, "A espiritualidade de Píndaro, diríamos nós, não consiste em uma intenção escatológica, mas na glorificação desta vida. A transformação maravilhosa que o poema opera não é um ato de imortalização, é a realização mesma da realidade profunda na qual o homem está presente e que vem à consciência pelo homem ao mesmo tempo que o homem vem à consciência por ela".

(4) Diálogo do tipo "aporético" (apud V. Goldschmidt, *Les Dialogues de Platon*), o *Hípias Maior* critica várias definições de Belo, terminando com uma definição negativa: "O conceito de belo é difícil". Sua importância pedagógica para a Estética contemporânea é fundamental, pois rejeita todas as concepções errôneas desta categoria estética, fazendo uso de uma lógica impecável, associada a uma linguagem cristalina.

(5) A. N. Whitehead, *Selected Writings*, p. 107.

(6) A. Koyré, em *Études Galiléens*, defende uma tese que estaria acentuando a continuidade epistemológica dentro da História da Ciência, ao passo que G. Bachelard prefere acentuar a descontinuidade, através do seu conceito de **corde epistemológico**. Para nossos propósitos, bastaria a simples constatação de que coisas tais como as físicas de Descartes e de Galileu, do ponto de vista da atividade da física contemporânea, são comparáveis a "peças de museu".

(7) G. Ryle, em *The Concept of Mind*, desfere uma crítica extremamente áspera a Descartes e ao cartesianismo, principalmente pela visão dualista que teria gerado na história da filosofia, mas, no fundo, Ryle acaba fornecendo uma base filosófica para a defesa do behaviorismo, deixando-nos sem saber se a fome é pior do que a sede. Por outro lado, seu enaltecimento de Aristóteles parece derivar de uma interpretação monística e de um ponto em comum em uma concepção da linguagem, apoiada no senso comum.

(8) N. Chomsky, em *Cartesian Linguistics*, parece passar por cima dos problemas gerados pelo dualismo de Descartes, preferindo ater-se à sua concepção de *Mathesis Universalis*, que teria suscitado as investigações de uma *Gramática Universal* entre os filósofos de Port-Royal. Disto concluímos que estas e outras abordagens tão-somente estão lendo momentos e aspectos do cartesianismo através das respectivas lentes contemporâneas.

(9) Vide especialmente a *Sétima Carta* de Platão, onde ele nos apresenta uma visão retrospectiva da sua atividade filosófica e política. Vide F. Chatelet, *Platon*.

(10) Quanto aos tratados de W. Kandinsky, vide especialmente *Punkt und Linie zu Fläche*, mais técnico e mais ilustrativo, neste aspecto, do que *Über das Geistige in der Kunst*.

(11) M. C. Lacoste, *Kandinsky*, especialmente, ilustrações dos signos do seu vocabulário gráfico do período da "abstração lírica" e explicações da p. 7 — 12. Devemos acrescentar que durante muito tempo tivemos esta impressão aparente de que Kandinsky teria recorrido a um automatismo e que suas formas estariam representando uma *Gestalt* como fruto da expansão aleatória das manchas coloridas e de traços automáticos, puramente momentâneos. A reobservação, após a leitura de autores como Lacoste, colocou-nos diante de outro Kandinsky extremamente metucioso, utilizando uma série de signos gráficos associados cuidadosamente com a disposição das cores.

(12) "Textura aberta" (open texture) é um conceito que nos foi sugerido pela leitura de Morris Weitz, *The role of theory in aesthetics*, que o emprega com referência explícita ao segundo Wittgenstein (de *Philosophische Untersuchungen*), mas com o intuito de mostrar a relatividade dos conceitos estéticos, dentro de perspectiva que nos parece bastante crítica e sadia.